

Correlações entre a pulsão de morte e a guerra à luz da transição para a segunda tópica freudiana

Virgínio Martins Gouveia¹

Resumo

O escopo geral do nosso artigo é oferecer uma exposição que transita pelas noções de pulsão (Trieb), pulsão de morte (Todestrieb) e guerra (Krieg). Teremos como ponto de partida a obra de Freud e sua correspondência com Albert Einstein. Propomos um excuro histórico-conceitual sobre a categoria da pulsão, mobilizando-a à luz da passagem para a segunda tópica freudiana, a fim de analisar o advento do conceito de pulsão de morte e sua potência explicativa para compreender a persistência histórica de grandes conflitos bélicos. Nosso objetivo é demonstrar como os conceitos metapsicológicos freudianos podem propiciar ferramentas críticas à reflexão sobre a guerra, além de determinismos sociopolíticos, sublinhando assim a dimensão psíquica da agressividade humana.

Palavras-chave: Pulsão, Pulsão de morte, Guerra, Segunda tópica, Civilização.

¹ Psicanalista. Doutor em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo, com estágio doutoral realizado no prestigiado Instituto de Filosofia da Academia Russa de Ciências (Rossiiskaya Akademiya Nauk – RAN), em Moscou. Detém formação em Psicanálise pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica. Atualmente, exerce atividades acadêmicas como professor na HSE University (São Petersburgo, Rússia). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7142-5992> E-mail: virginiomgouveia@gmail.com

Freud e a guerra²

Este é o problema: Existe alguma forma de livrar a humanidade da guerra? (Einstein, A.)³.

Em 1933, Albert Einstein redigiu uma carta a Freud e endereçou-lhe esta inquietante pergunta: “Existe alguma maneira de livrar os homens da ameaça da guerra?”. O fim da resposta de Freud pareceu tecer traços progressistas, se considerarmos que a civilização foi erguida como antídoto contra os impulsos agressivos de destruição e ódio. Disse ele: “Podemos dizer a nós mesmos: tudo o que funciona para o desenvolvimento da cultura também funciona contra a guerra” (Freud, 1933/2005). Insólito otimismo se levarmos em conta que em 1932, um ano antes da chegada de Hitler ao poder, pensava-se que a pulsão de morte (Todestrieb) poderia ser reabsorvida na cultura.

Do ponto de vista cronológico, 1932 situa-se dez anos após o estabelecimento do regime fascista na Itália, um ano antes da ascensão de Hitler na Alemanha, seis anos antes do Anschluss e do exílio de Freud. Nem as indagações de Einstein – “como a psicanálise e o psicanalista explicam a guerra? O que a psicanálise e o psicanalista podem fazer para impedir a guerra?” –, nem as apreciações de Freud puderam elaborar qualquer tipo de menção às guerras internas em curso no interior do continente europeu, as quais, com a mesma intensidade da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), atormentaram completamente a vida humana, a civilização, a vida dos psicanalistas e o exercício da psicanálise.

É verdade que o interesse de psicanalistas pela guerra parece surpreender a muitos. No entanto, a psicanálise está vinculada à guerra desde Freud, que encontrou nas neuroses de guerra (kriegsneurose) elementos essenciais para a clínica psicanalítica. Recordemos também, como podemos conferir a partir de Freud (1919/1989), a atenção com os tratamentos desumanos nos feridos da Primeira Guerra Mundial e, do mesmo modo, a observação na força da repetição nos sujeitos.

Freud viu ser confirmado o seu pensamento quando, em setembro de 1918, em Budapeste, realizou-se o V Congresso Psicanalítico Internacional, que incluiu em sua programação um simpósio com o tema “A psicanálise das neuroses de guerra” (Zur Psychoanalyse der Kriegsneurosen), cujos autores, Ferenczi, Abraham e Simmel, todos psicanalistas, trabalhavam sobre o assunto.

Já em 1919, no texto Introdução à psicanálise e as neuroses de guerra (Einführung in die Psychoanalyse und Kriegsneurosen), Freud compreende as neuroses de guerra (kriegsneurose) como neuroses traumáticas (traumatische Neurosen) “que se distinguem das neuroses comuns por características particulares”. No estado hostil, a experiência vivenciada como trauma impregna os aparelhos psíquicos dos sujeitos, num desregramento pulsional insuportável, e condena-os a uma inundação traumática, enclausurando-os na neurose, com uma capacidade de simbolização inassimilável, presos à repetição compulsiva (Zwanghafte Wiederholung) do evento infortúnio.

² A obra de Freud neste artigo será citada em seu ano de publicação, uma vez que usufruímos na contemporaneidade de distintas edições.

³ Einstein, A; Freud, S. (1933/1979, p. 193).

Ante a angústia (Angst) assoladora no psiquismo, os estudos dos indivíduos neurotizados pela guerra são uma inevitabilidade ainda atual. Desse modo, resta-nos revisitar as inquietações que perpassam a “pergunta-guia”: Por que a guerra⁴? Esse fenômeno social postula-se como presença ininterrupta, atravessando distintas épocas, e conseqüentemente nos afetando. Em vista disso, a psicanálise, desde Freud, pôde dispor de uma escuta e interpretação peculiar a fim de jogar luz ao problema, por, justamente, basear-se na ética do sujeito do inconsciente.

A pulsão antes da pulsão de morte

A doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta, da teoria psicanalítica⁵.

Antes de falar explicitamente sobre a pulsão de morte (Todestrieb), seria oportuno buscar uma espécie de microgenealogia desse conceito. Sendo assim, é possível afirmar que a problemática em torno da agressividade ocupa um lugar desde as primeiras pesquisas da psicanálise e, desse modo, pode ser entendida, num primeiro momento, como uma “tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que visam prejudicar o outro, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo etc.” (Laplanche & Pontalis, 1991/2001, p. 11).

Curiosamente, observa-se que antes mesmo de Freud postular um novo arranjo em sua teoria nos marcos daquilo que ficou conhecido como segunda tópica, as interlocuções entre distintos psicanalistas próximos a Freud geraram um vasto material para aqueles que pesquisam a história do movimento psicanalítico. Entre eles podemos destacar o diálogo entre Lou-Andreas Salomé (1861-1937) e Sándor Ferenczi (1873-1933), no qual a escritora de origem russa solicita ao psicanalista húngaro que escreva sobre o instinto de morte⁶ [Влечение к смерти], exatamente em 1913.

Convém também mencionar a “pulsão de morte” (Todestrieb), descrita em 1911 e 1912 por Sabina Spielrein (1885-1942), que explicitamente influenciou Ferenczi, como é possível averiguar numa das notas de rodapé em O problema da afirmação do desprazer (Das Problem der Unlustbejahung), de 1926. Em contrapartida, é verdade que o termo pulsão (Trieb) aparece logo nas primeiras páginas da primeira parte dos Três Ensaios, referindo-se às aberrações sexuais: “O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma pulsão sexual” (Freud, 1905/1976, p. 128). Nessa abertura, Freud pesquisa algumas manifestações da perversão e examina desvios concernentes a dois componentes da pulsão sexual (Sexualtrieb): o objeto sexual e o alvo sexual.

4 Cabe ressaltar que utilizamos a noção de correlação no título do nosso trabalho porque esse termo não implica causalidade – ou seja, sugerimos a existência de pontos de contato entre a metapsicologia freudiana contida no conceito de pulsão de morte (Todestrieb) e a guerra como fenômeno político.

5 Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (Freud, 1905/1976, p. 158).

6 Há uma conhecida polêmica entre os psicanalistas acerca da tradução que a Editora Imago ofereceu ao termo freudiano Trieb, embora acreditemos que haja importantes problemáticas oriundas da diferença entre “pulsão” e “instinto”. Não desenvolveremos as questões em torno das acepções desse conceito neste ensaio, mas cabe-nos, apenas, pontuar a existência da problemática.

A pulsão sexual (Sexualtrieb) estaria configurada a partir de distintos aspectos parciais, e sua busca por prazer se encontraria ligada a zonas erógenas, pautada pela incidência no corpo da criança dos cuidados maternos corriqueiros e diretamente associada às partes conectadas às necessidades vitais, como a boca e o ânus. Freud, com sua teoria do desenvolvimento psicosexual, oferece uma nova interpretação sobre a sexualidade, considerando a sexualidade infantil como um desenvolvimento composto por diferentes fases, até sua chegada à puberdade, com a fase genital.

Já em 1910, cinco anos após o primeiro lançamento dos Três Ensaios, num texto pequeno, Freud lança de modo explícito o primeiro dualismo pulsional: as pulsões sexuais e as pulsões do Eu. O artigo foi intitulado A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (Psychoanalytischen Konzept Psychogener Sehstörungen). Nele se acha a primeira aparição da noção de pulsão do Eu, em identificação com as pulsões de autoconservação e em posição oposta às pulsões a serviço do prazer sexual.

Descobrimos que cada instinto procura tornar-se efetivo por meio de ideias ativantes que estejam em harmonia com seus objetivos. Estes instintos nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as ideias é apenas uma expressão das lutas entre os vários instintos. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – os instintos do ego. Como disse o poeta, todos os instintos orgânicos que atuam em nossa mente podem ser classificados como “fome” ou “amor” (Freud, 1910/1996, pp. 223-224).

Em linhas gerais, a primeira teoria pulsional freudiana é composta pela ideia de que a pulsão sexual (Sexualtrieb) se sustenta primeiramente sobre a pulsão do eu, em busca de autoconservação, até atingir um patamar de desintegração, automação e criar um conflito de interesse. A tese geral por trás dessa dualidade é a de que a livre satisfação das pulsões sexuais levaria o indivíduo a situações de perigo devido à existência das sanções sociais.

Em 1911, nota-se que o funcionamento mental é governado por dois princípios, no artigo intitulado Formulações sobre os dois princípios do evento psíquico (Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens): o princípio de prazer (Lustprinzip) e o princípio de realidade (Realitätsprinzip). Em resumo, a busca de prazer seria representada por uma tentativa de descarga imediata da excitação; esta se estabeleceria como a tendência essencial do aparelho psíquico. Em compensação, a incidência do princípio de realidade (Realitätsprinzip) impeliria sempre o prazer (Lust) de adiar a descarga imediata, em busca de uma resolução mais segura.

De início, as pulsões sexuais comportam-se autoeroticamente e encontram sua satisfação no próprio corpo. Elas não chegam a encontrar uma situação em que ocorram impedimentos à satisfação e que obriguem à instauração do princípio de realidade. Quando mais tarde o processo de busca de objeto se inicia também para as pulsões sexuais, este logo sofre uma longa interrupção em virtude do período de latência, o qual posterga o desenvolvimento sexual até a puberdade. Estes dois fatores – autoerotis-

mo e período de latência – fazem com que a pulsão sexual fique retida em seu desenvolvimento psíquico e permaneça por muito mais tempo sob o domínio do princípio do prazer. Aliás, no caso de muitas pessoas, a pulsão sexual jamais consegue escapar desse domínio. Em decorrência dessas circunstâncias, estabelece-se uma relação mais próxima entre a pulsão sexual e a fantasia, por um lado, e as pulsões do Eu e as atividades da consciência, por outro (Freud, 1911/1987, pp. 67-68).

Em 1915, em *As pulsões e destinos da pulsão* (Triebe und Triebchicksale), Freud lança uma configuração mais definida do conceito de pulsão (Trieb). Num acréscimo realizado aos *Três Ensaio*s, desenvolvido no ano de 1915, pode-se observar uma conhecida concepção da pulsão (Trieb), no que se refere ao conceito limite entre o psíquico e o somático, o que, de certa forma, estava sempre contido na obra de Freud ao longo do seu itinerário:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão é, portanto, um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida de exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dotadas de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico (Freud, 1915/2017, p. 159).

No marco de sua primeira tópica, o princípio de prazer (Lustprinzip), para Freud, se estabelece como um dos dois princípios que regulam o funcionamento mental: a elaboração psíquica, em sua totalidade, tem a tendência de distanciar-se do desprazer (Unlust) e lograr prazer (Lust). Freud observa que esse é um princípio econômico.

Se o desprazer (Unlust) está vinculado à ampliação das quantidades de excitação, por outro lado, o prazer (Lust) busca a sua redução. Contudo, o entendimento de princípio de prazer (Lustprinzip) insere-se especialmente na teoria psicanalítica por estar vinculado ao princípio de realidade (Realitätsprinzip), configurando-se assim os dois princípios da atividade psíquica.

Isso enfatiza a premissa pela qual, na teoria psicanalítica, o prazer (Lust) não pode ser cotejado com o “apaziguamento de uma necessidade”. A concepção de prazer vem à tona, nesse campo, mais vinculada a processos (“a experiência de satisfação”, por exemplo), a determinados fenômenos (o sonho), e tem o caráter irreal evidente. É nesse sentido que se desdobra a ambivalência entre esses dois princípios: a busca pela realização de um desejo inconsciente sendo motivada por outras exigências e impondo sua atividade funcional conforme leis que não se encontram na esfera das necessidades vitais.

O princípio de realidade (Realitätsprinzip), como sabemos, foi concebido como tal em 1911, em *Formulação sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens). Princípio regente do funcionamento psíquico, alça-se secundariamente como uma alteração do princípio de prazer (Lustprinzip), que no início predominava solitariamente. A sua tenacidade vem à tona à medida que se

relaciona a todo tipo de adequações que o aparelho psíquico deve sofrer: desenvolvimento das funções conscientes, atenção, julgamento, memória, nascimento do pensamento etc.

Se aceitarmos esses dois princípios, a busca pela satisfação não deve seguir os caminhos mais fáceis, pois eles costumam levar a atalhos que atrasam o resultado, dependendo das condições do mundo externo. Além disso, enquanto os impulsos de autopreservação se adaptam mais facilmente ao princípio de realidade (aceitando suas limitações), os impulsos sexuais demoram mais para se ajustar, permanecendo sob o domínio do princípio de prazer. Ou seja: os primeiros representam as exigências da realidade; os segundos, a busca pelo prazer imediato.

A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, com todas as consequências psíquicas envolvidas aqui esquematicamente condensadas numa só frase, não se realiza, na verdade, de repente; tampouco se efetua simultaneamente em toda a linha, pois, enquanto este desenvolvimento tem lugar nos instintos do ego, os instintos sexuais se desligam deles de maneira muito significativa (Freud, 1911/1987, pp. 3-4).

A ideia em sua forma representativa de “tópica” surge na obra de Freud (1972/1900) especialmente em A interpretação dos sonhos (Die Traumdeutung), na qual se organiza a ordem de coexistência das partes que se encontram no aparelho psíquico. Primeiramente, essas são duas partes que se estabelecem em posições fixas, possibilitando que num determinado acontecimento no processo psíquico a energia se desloque através dos sistemas numa sequência temporal. “Esses dois sistemas estão localizados nas extremidades do aparelho, de forma que uma extremidade é sensorial e a outra extremidade é motora” (Freud citado por Garcia-Roza, 1936/2009, p. 78):

É por isso que atribuímos ao aparelho um fim sensorial e um fim motor; na extremidade sensorial está um sistema que recebe as percepções e, na extremidade motora, outro que abre as fechaduras da motilidade. O processo psíquico passa, em geral, do extremo da percepção ao da motilidade.

Devido a isso, conferimos ao aparelho psíquico um fim sensorial e um fim motor. Na dimensionalidade finita da extremidade sensorial, encontra-se um sistema que recebe as percepções; na extremidade motora, outro que abre as fechaduras da motilidade. Nota-se que, nessa primeira perspectiva freudiana, os processos começam mediante um sistema sensível às percepções e se dirigem à culminância numa descarga motora – um padrão simples, que rapidamente se configurou como modelo insuficiente, tendo em vista a complexidade dos fenômenos clínicos estudados por Freud.

A pulsão de morte e a segunda tópica

Como explicar que o homem, um animal tão predominantemente construtivo, seja tão apaixonadamente propenso à destruição? Talvez porque seja uma criatura volúvel, de reputação duvidosa. Ou talvez porque seu único propósito na vida seja perseguir um objetivo, algo que, ao ser atingido, não é mais vida, mas o princípio da morte (Dostoiévski, 2009).

Nota-se, a partir de 1920, que Freud reconfigurou sua teoria, sublinhando um novo dualismo pulsional, não mais baseado entre pulsões do ego e pulsões sexuais, mas

entre Eros e Tânatos, ou seja: Pulsões de Vida e Pulsões de Morte. É interessante notar como o conceito de pulsão de morte (Todestrieb) no interior do itinerário intelectual de Freud fomenta discordâncias entre distintos seguidores de seu pensamento, mesmo considerando-o como um dispositivo conceitual encadeado com a teoria original freudiana da determinação da psicosexualidade inconsciente, relacionada à fantasia, autoerótica e anárquica.

Vários psicanalistas pós-freudianos lidaram com esse conceito de modo distinto; entre eles poderíamos citar Winnicott, Klein, Lacan, Bion, Green, Laplanche. Destarte, torna-se necessário apontar que a teoria da pulsão de morte (Todestrieb) foi formulada por Freud como um mecanismo conceitual “puramente especulativo” ou, dito de outra forma, “pela curiosidade de saber aonde leva” (Freud, 1920/2010, p. 24), conforme as expressões contidas em Além do princípio do prazer (Jenseits des Lustprinzips, 1920).

Diferentemente de algumas filosofias, a psicanálise não nos oferece um sistema fechado, uma constelação de conceitos que se inter-relacionam e formam um todo explicativo e acabado. Ela não tem como ponto de partida conceitos básicos claramente definidos, que estabelecem um lugar para novas descobertas ou um melhor entendimento. Ao contrário, a psicanálise se concentra nos fatos de sua esfera de atuação e investigação, busca solucionar as questões advindas da experiência imediata, encontra-se sempre numa posição de incompletude e, por isso, se acha sempre de prontidão para reformular ou corrigir suas teorias.

Não há grandes problemas (como poderia haver em outras ciências) se seus conceitos mais genéricos faltam com clareza ou se suas postulações são temporárias. Para a psicanálise, é mais importante lançar a hipótese geral e postergar a definição mais lapidada desses conceitos para o porvir. Parece-nos que o conceito de pulsão de morte encontra-se nesse marco.

A segunda teoria pulsional de Freud inscreve-se naquilo que ficou conhecido como virada de 1920, que, como sabemos, consiste numa ampla reconfiguração das hipóteses essenciais de Freud, tendo como ponto inaugural a introdução do conceito de pulsão de morte e a nova topografia do aparelho psíquico, agora estruturada pelas noções de Id, Ego e Superego (Es, Ich, Über-Ich).

Em Além do princípio do prazer, com as formulações freudianas, em que pese a compulsão à repetição (Wiederholungszwang), e, mais ainda, logo depois de O ego e o id (Das Ich und das Es, 1923), as inquietações sofrem uma espécie de deslocamento, a saber: das neuroses, tema que perpassa predominantemente toda a primeira tópica, à comparação entre neurose e psicose. Momento em que a predominância dada à centralidade da libido volta-se às pesquisas das relações entre pulsões eróticas e destrutivas, assim como a um aprofundamento na pesquisa sobre o ego, o que conseqüentemente diz respeito às suas relações com os objetos.

A revisão imposta à teoria das pulsões é, como vemos, radical. Onde antes se defrontavam uma sexualidade de base orgânica e sediada no inconsciente, e uma perseverança na existência também de base orgânica mas localizada no ego, surgem agora dois princípios transcendentais, a Repetição e a Ligação, fundando respectivamente as pulsões de morte e as pulsões de vida. A postulação destes princípios obedece apenas longitudinal-

mente a considerações de origem empírica, mas sua aceitação, ainda hesitante em Além do Princípio de Prazer, não será mais discutida a partir das obras seguintes. A fundação da Psicanálise sobre eles impõe uma revisão ampla do esquema teórico mobilizado para dar conta dos fenômenos clínicos, verificando-se o seu impacto sobre a metapsicologia, sobre a teoria sexual, sobre a concepção da neurose e, por fim, sobre a própria compreensão dos limites colocados à eficácia da terapia (Mezan, 1982, p. 268).

Em sua obra Além do princípio de Prazer, Freud explicita sua concepção daquilo que ficou conhecido como modelo estrutural, diferenciando-se da primeira tópica, a qual se referendou a despeito de um método passivo. A segunda tópica vem à tona num modelo com características mais dinâmicas e ativas. Essa reestruturação se estabeleceu de modo mais enfático a partir da obra O ego e o id (Freud, 1923/1996, p. 4), conforme observamos na introdução do editor inglês:

E este esquema aparentemente simples fundamenta todas as primeiras ideias teóricas de Freud: funcionalmente, uma força reprimida esforçando-se em abrir caminho até a atividade, mas mantida sob controle por uma força repressora, e, estruturalmente, um “inconsciente” a que se opõe um “ego”.

O ego e o id é uma das mais importantes elaborações teóricas que demarca o itinerário de Freud. Esse trabalho apresenta uma descrição significativa em detalhes do funcionamento da mente, sendo o marco inaugural e revolucionário, em seu sentido teórico, para a teoria psicanalítica.

. . . todos os escritos psicanalíticos que datam de após sua publicação portam a marca inequívoca dos seus efeitos, pelo menos com relação à terminologia. Entretanto, apesar de todas as suas novas compreensões internas (insights) e sínteses, podemos traçar, como tão amiúde acontece com as aparentes inovações de Freud, as sementes de suas novas ideias em trabalhos anteriores e, às vezes, muito anteriores (Freud, 1923/1996, p. 4).

Nesse bojo de inovações freudianas, dirigimos nossa concentração ao problema da pulsão de morte. Conceito que opera em silêncio, só dando pistas de sua existência quando é desviada para fora, manifestando-se como pulsão de destruição. Por ser desprovida de uma energia própria, Freud oferece uma ideia baseada na fusão das pulsões, sugerindo que só é possível ter consciência da pulsão de morte por via de sua fusão com Eros.

É verdade que nos falta toda e qualquer compreensão fisiológica em relação aos caminhos e aos meios que permitem à libido amansar e domar a pulsão de morte, mas, no âmbito psicanalítico, temos de supor que, de algum modo, os dois tipos de pulsão sempre são amplamente misturados e amalgamados em variadas proporções. Assim, não teríamos pulsões de morte ou de vida puras, mas apenas combinações de diversas magnitudes (Freud, 1923/1996, p. 110).

De acordo com Laplanche e Pontalis (1991/2001), no Dicionário de Psicanálise encontra-se a seguinte elucidação das pulsões de morte:

Dentro da mais recente teoria freudiana das pulsões (as pulsões de morte) elas designam uma categoria fundamental de pulsões que se opõem às pulsões de vida e que

visam à completa redução das tensões, ou seja, ao retorno do vivente ao estado inorgânico (p. 160).

Também não poderíamos deixar de mencionar, no itinerário intelectual e na quadra histórica em que Freud está inserido, algumas descobertas no desenvolvimento de suas teorias, assim como grandes acontecimentos oriundos da objetividade do mundo que levaram Freud a reformular a sua teoria das pulsões. Entre esses acontecimentos, do ponto de vista teórico, destacam-se o desenvolvimento do conceito de narcisismo, o qual unificou as pulsões sexuais e do ego, a retomada do princípio de constância e a compreensão da existência de uma compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*), que podem ser compreendidas como aspectos centrais que propuseram uma mudança na organização das pulsões.

Freud viu-se perante problemas antes desconhecidos. Como explicar a repetição de experiências traumáticas, a busca inconsciente que o sujeito leva a cabo rumo ao seu próprio sofrimento, os sonhos traumáticos? Do ponto de vista mais especulativo, pode-se pensar em vivências singulares, as quais Freud experienciou. Entre esses acontecimentos podemos citar a Grande Guerra de 1914 a 1918 e o falecimento de sua filha Sophie. Conforme alguns especialistas, devido a isso Freud (1920/2010) é levado a refletir em algo que se direcione para mais além do princípio do prazer (*Lustprinzip*):

De nossa parte, nós temos abordado não a substância viva, mas as forças que nela atuam, e nos vimos levados a distinguir duas classes de pulsões: as que pretendem conduzir a vida à morte, e as outras, as pulsões sexuais, que aspiram continuamente à renovação da vida, e a realizam. Isso soa como um corolário dinâmico da teoria morfológica de Weismann⁷ (p. 45).

A pulsão de morte tem uma determinação de tendência que se configura por meio de uma força repressiva e conservadora e possibilita a efetivação do trabalho destrutivo de forma silenciosa. As pulsões sexuais (*Sexualtrieb*) ou pulsões de vida se estabelecem como oposição à pulsão de morte, as quais desenvolvem formas organizadas e não destrutivas. A vida baseia-se na luta entre essas duas pulsões, enquanto, por outro lado, o desenvolvimento da destruição em desdobramentos cada vez mais avançados leva ao triunfo das pulsões de morte.

Em 1920, no texto mais relevante de Freud em que o conceito de pulsão de morte ganha corpo, o autor busca explicitar as experiências que se direcionam para além do princípio de prazer. Ao remarcar o impasse que a repetição compulsiva oferece ao trabalho analítico, Freud destaca o movimento de retorno ao mundo inorgânico, levado a cabo pelo funcionamento do princípio de prazer, para defender a tese segundo a qual o princípio de prazer parece estar a serviço das pulsões de morte:

Separamos função e tendência de maneira mais nítida que até agora. O princípio do prazer é então uma tendência que está a serviço de uma função: a de fazer que o aparelho psíquico fique isento de excitação, ou mantenha, no nível mínimo possível, a quantidade de excitação. Todavia não podemos decidir com certeza por nenhuma dessas versões, mas notamos que a função assim definida participaria da aspiração mais

⁷ Há um debate entre os psicanalistas pós-freudianos sobre a presença de um biologismo em Freud, oriundo da erupção do conceito de pulsão de morte (*Todestrieb*). Não travaremos tal debate neste ensaio.

universal de todo ser vivo de voltar atrás até o repouso do mundo inorgânico. Todos temos experimentado que o máximo de prazer alcançável por nós é o do ato sexual, unido à extinção momentânea de uma excitação extrema (Freud, 1920/2010, p. 60).

Se na primeira teoria pulsional freudiana encontra-se uma pulsão de autoconservação, com a incumbência de salvaguardar o eu do sexual, na segunda teoria pulsional a custódia torna-se um atributo de Eros, o qual tem a função de garantir que o caminho para a morte não seja antecipado. Além de tornar mais complexo o dualismo freudiano, ao passo que se estabeleceu ser mais difícil diferenciar um grupo pulsional do outro. Desse modo, foi necessário afirmar (em 1920) algo que se tornou embaralhado: a potência da “ruptura”, no patamar da segunda tópica, foi incorporada pela noção de pulsão de morte, possibilitando reaver o dualismo ameaçado.

Em sua obra *Além do princípio do prazer* (*Jenseits des Lustprinzips*, 1920), Freud fornece um ponto de virada e, ao mesmo tempo, um ponto de continuidade, estabelecendo o modelo estrutural, diferenciando-se da primeira tópica, a qual se configurava como um método passivo. Na segunda tópica, por outro lado, podemos observar um modelo mais ativo e dinâmico. Se a primeira tópica se estabelece a partir dos estudos dos sonhos e da histeria, a segunda tópica surge do enfrentamento e de sua consequente resposta aos problemas que despontam da psicose e de um aprofundamento que o levou a novas descobertas na prática clínica.

Observamos que desde a sua fundação as críticas direcionadas à psicanálise surgiram e continuam surgindo advindas de todos os lados. Tanto as críticas oriundas de saberes exteriores a ela quanto as oriundas de suas próprias correntes internas. Junto a isso, a propensão para negar e adoçar conceitos tornou-se tragável para muitos que recusam condescender com o referido conceito freudiano de pulsão de morte.

A agressividade, o soberano e o pai da horda primeva

A restrição à agressividade do indivíduo é o primeiro e talvez o mais severo sacrifício que dele exige a sociedade. Temos verificado de que maneira simplista se conseguiu domar essa coisa indomável (Freud, 1933/2005, p. 137).

O filósofo francês Jacques Derrida (2000), em seu trabalho “*États d’âme de la psychanalyse: l’impossible au-delà d’une souveraine cruauté*”, nos convida a refletir sobre a possibilidade de a soberania ser a instância da expressão da crueldade, sendo ela o principal vetor categorial que criaria as condições para a proliferação do mal. Conforme o filósofo, é por via do conceito de pulsão de morte que Freud vai sublinhar onde se firmaria a crueldade no âmbito do aparelho psíquico.

O psicanalista J. Birman (2017) realça que a noção de psicanálise como saber sem alibi, apresentada por Derrida, oferece consequências políticas e éticas para o campo psicanalítico que a impossibilitam estabelecer qualquer forma de contrato com a crueldade e suas dimensões soberanas que a representam: “no registro psíquico do inconsciente não poderiam existir alibis, mas se a comunidade psicanalítica procura tecer laços com a crueldade e a soberania, a psicanálise caminharia inevitavelmente em direção à sua dissolução imunitária”.

Recordemos que na obra de Freud há um pano de fundo metapsicológico que oferece um lugar especial de análise da agressividade, do uso da violência e da capacidade de imposição da força, visando à humilhação, ao constrangimento e à aniquilação do outro.

Podemos afirmar que a questão da agressividade se encontrava presente desde os primeiros trabalhos da psicanálise e pode ser compreendida, em uma primeira análise, como uma tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que visam prejudicar o outro, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo etc. (Laplanche & Pontalis, 1991/2001, p. 11).

A crueldade, nesse sentido, se faria presente em quase todas as dimensões das relações intersubjetivas, seguindo o movimento pendular entre os polos do se deixar sofrer, na figura do masoquismo, e do fazer o outro sofrer, na dimensão do sadismo. Nesse sentido, Freud, em seu itinerário intelectual, assegura que o conflito mortífero entre homens não se limita apenas às épocas de guerra, tampouco às relações entre distintos Estados. “Com efeito, sob as formas de o sujeito fazer mal ao outro, de o sujeito se deixar fazer o mal, o campo da crueldade assume uma dimensão bem mais ampla, no qual o registro psíquico também estaria em causa” (Birman, 2010, p. 61).

Existiria um pressuposto da condição humana baseada na propagação da conflitualidade e na presença da agressividade que se encontrariam aquém e além do Estado-nação, típico do modelo moderno, revestido de soberania. A agressividade é compreendida como uma pulsão (pulsão de domínio) direcionada para o mundo exterior desde o início da vida e se configura como elemento presente na agressividade originária infantil: “A crueldade é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro – a capacidade de compadecer-se – tem um desenvolvimento relativamente tardio” (Freud, 1905/1976, p. 181).

Se olharmos com atenção para a primeira tópica, na qual há a preservação da dualidade entre pulsão sexual (Sexualtrieb) e autoconservação, nesse marco temporal freudiano encontramos um conceito pouco desenvolvido: o conceito de “pulsão de domínio” (ou pulsão de dominação). O referido conceito não recebeu uma abordagem aprofundada e meticulosa no itinerário de Freud, ganhando em distintos momentos algumas variações. Pode-se observar sua presença em Três ensaios da teoria da sexualidade (Drei Essays zur Theorie der Sexualität, 1905).

A pulsão de domínio pode ser compreendida primeiramente como uma pulsão sem determinação sexual e apenas numa segunda etapa irá se integrar com o sexual. Trata-se, pois, de uma pulsão direcionada para fora, para a exterioridade, para o mundo exterior objetivo, constituindo um traço presente na agressividade originária da fase infantil. De modo contínuo, essa pulsão se vincula à sexualidade, período no qual o sadismo primário estaria a serviço do eu, a fim de obter o domínio do objeto.

O controle e a captura do objeto seriam condições necessárias para a obtenção de prazer (Birman, 2010). Apenas no momento de reversão do sadismo em masoquismo, num segundo momento do movimento pulsional, o indivíduo poderia perceber o dano gerado no outro. No primeiro momento, o indivíduo ignoraria a dor infligida ao outro:

Com esta noção (pulsão de domínio), ele parece indicar uma espécie de campo intermediário entre a simples atividade inerente a toda função e uma tendência para a

destruição pela destruição. A pulsão de dominação é uma pulsão independente, ligada a um aparelho especial (a musculatura) e a uma fase definida da evolução (fase sádico-anal). Mas, por outro lado, “causar danos ao objeto ao aniquilá-lo lhe é indiferente”, pois a consideração pelo outro e pelo seu sofrimento só aparecem no retorno masoquista, tempo em que a pulsão de dominação se torna discernível da excitação sexual que provoca (Laplanche & Pontali, 1991/2001, p. 12).

Em 1908, no interior do movimento psicanalítico, Alfred Adler apresenta as consequências de seus estudos e desenvolve a hipótese de uma “pulsão de agressão” independente, que se desdobra internamente no registro do sadismo. Por outro lado, apenas em Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (Neue Einführungsvorlesungen zur Psychoanalyse und anderen Werken, 1932-1936), Freud (1932-1936/1996) comenta: “Por que necessitamos de tempo tão longo para nos decidirmos a reconhecer um instinto agressivo? Por que hesitamos em utilizarmos, em benefício de nossa teoria, fatos que eram óbvios e familiares a todos?” (p. 106).

Observa-se que há um longo movimento de transição presente no itinerário freudiano que atravessa mais de duas décadas de pesquisa teórica e práxis psicanalítica. Assim, o advento da pulsão de morte é consequência de um longo período de transição para a segunda tópica. Não podemos pensar que quando Freud formulou o conceito de pulsão de domínio ali já se encontrava a pulsão de morte. Podemos compreender que a agressividade surge na condição de efeito colateral da obtenção de prazer – a agressividade contida no âmbito do infantil tem como ponto de partida a pulsão de domínio, cuja meta é dominar o objeto pela força. Num segundo momento, porém, a dor e o dano provocado ao objeto amado se converterão em culpa (Birman, 2006).

Na esteira de Freud, observa-se que os povos obedecem mais a suas paixões agressivas, a suas paixões nacionalistas/identitárias, suas reivindicações e ressentimentos. Matar o outro não é proibido; é permitido matar o outro se esse for o desejo do Leviatã⁸. Muito anterior às catástrofes do século XX, havia narrativas no imaginário cultural dos povos ocidentais que ofereciam um arsenal sistemático metafísico que colocava os seres humanos em movimento, orientados por uma lógica do poder e da submissão.

Desde o Velho Testamento (Moisés e seu filho prestes a ser sacrificado) e em estudos antropológicos mais profundos, ou como se observa em Totem e Tabu (1913), a violência e o uso legítimo da agressividade foram deslocados da mão dos indivíduos para o exercício de Deus, do Estado, ou do pai da horda primeva.

Tendo como ponto de partida a interpretação de um mito de origem, o fundador da psicanálise enfatiza o controle levado a cabo pela figura do pai originário sobre seus filhos, se estes, porventura, colocassem em xeque o monopólio do gozo mantido por ele. O pai onipotente, figura máxima do mito da horda primeva, acentua a existência do centralismo do gozo, de modo que, sempre quando um de seus filhos buscasse partilhar os seus objetos de gozo, esse filho estava condenado à morte. “Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando um fim à horda patriarcal. Unidos,

8 Utilizamos esse termo emprestado em referência à obra hobbesiana.

tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem-sucedidos no que lhes teria sido impossível de fazer individualmente” (Freud, 1913/2006, p. 145).

Desse modo, as fêmeas da horda originária existiriam apenas com o intuito de servir para o gozo do pai e, conseqüentemente, aos filhos restaria a proibição de rivalizar com o poder do pai onipotente, sob pena de serem aniquilados. Ulteriormente, contudo, os filhos se uniram, mataram e substituíram o pai em busca pelo controle do gozo daquela forma de sociedade.

Todavia, precisamos chamar atenção para o fato de que a nova forma de organização social estabelecida pelo conjunto dos irmãos não autoriza que um indivíduo sozinho exerça o poder de modo onipotente. O sentimento de culpa vem à tona na nova forma de sociedade e cumpre a função de assegurar que, no porvir, os filhos não voltem a exercer o uso da violência e da força autoritária.

Conforme Freud, a presença do pai onipotente, que passou a ser representado agora pelo totem, servirá de recordação, servirá de alerta, a fim de assegurar que não mais ocorra o exercício arbitrário do poder, sob pena de morte. Em *O mal-estar na civilização* (Das Unbehagen in der Zivilisation), Freud (1930/2006) escreve que

A vida em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados. O poder dessa comunidade é então estabelecido como “direito”, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como “força bruta”. A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização (p. 101).

Se levarmos em conta os pontos de contatos entre a psicanálise e as contribuições da filosofia política, para Hobbes, por exemplo, um pensador contratualista moderno, o Estado deteria o monopólio do exercício da força de modo a controlar as relações sociais: “os pactos sem a espada não passam de palavras” (Hobbes, 2004, p. 61).

Já na esteira de Jean-Jacques Rousseau (1999), é possível observar: “É útil ao Estado que morras, deves morrer, pois foi somente graças a essa condição que até então viveu em segurança e que sua vida já não é apenas uma dádiva da natureza, mas um dom condicional do Estado” (pp. 43-44).

Recordemos que até 1913 Freud parecia seguir uma orientação baseada nos pressupostos de contenção da guerra e a interdição do aniquilamento do outro seria um veredito universal, de acordo com a exposição antropológica presente em *Totem e Tabu*. Essa chave de leitura pode ser aceita se levarmos em conta a existência de uma longa época de paz na Europa, seguida pelas Guerras Napoleônicas e pelo Acordo de Viena de 1815. Com a Primeira Guerra Mundial e, logo em seguida, com a ascensão do nazismo na década de 1930 do século XX, o pressuposto da paz perpétua tornou-se factível.

Guerra e pulsão de morte: a civilização contra a civilização?

Mantenhamos perante nós a natureza das relações emocionais que existem entre os homens em geral. De acordo com o famoso símile schopenhaueriano dos porcos-espi-

nhos que se congelam, nenhum deles pode tolerar uma aproximação demasiado íntima com o próximo⁹.

Num primeiro momento de seu itinerário, Freud parece oscilar quando remetido ao entendimento das guerras. Todavia, se considerarmos a totalidade de seu trabalho intelectual, especialmente os textos presentes naquilo que ficou conhecido como segunda tópica freudiana, uma posição cética e pessimista ganhou corpo e ocupou lugar de predominância. Freud não hesita em afirmar que, para o ser humano, o conflito seria a modalidade de relacionamento privilegiada com a diferença.

Sob esse ponto de vista, sugerimos que haja uma validação de certos conceitos essenciais para entendermos o quiproquó do mal-estar ocasionado pelas guerras. Para nós, a pulsão de morte (Todestrieb) é um desses conceitos. Nem sequer o dinheiro, a acumulação do capital, as conquistas territoriais, as riquezas ou os interesses dos estados são garantias explicativas para elucidarmos uma resposta à indagação: por que a guerra? (Warum Krieg?)

A guerra coloca em xeque a capacidade de convivência do ser humano, entre outras razões, por se valer de cálculos profundamente racionais. É, portanto, um acontecimento humano, demasiadamente humano. Não é possível compreender o conflito bélico como uma anomalia, um acontecimento transcendente das categorias de temporalidade e espacialidade pertencentes ao mundo civilizado. Ela é, como sabemos, um desdobramento¹⁰ da própria política, leia-se: da capacidade da convivência humana em um mesmo tempo e espaço.

A destruição ocasionada pelas guerras não produz apenas miséria na alma, paralisa a produtividade e desorienta, mas, sobretudo, decepciona. Essa decepção se deve, em parte, ao fato lamentável de que os mal-entendidos entre os povos não lograram ser resolvidos de outra maneira, apesar do progresso civilizacional.

Em situações de guerra, a ruptura dos ditames da lei decorre da banalização da violência direcionada ao outro, o que abala, sem desvios, os princípios que fundamentam o laço entre os povos. Na verdade, segundo Freud (1930/2006, p. 102), “o desenvolvimento da civilização impõe restrições. . . , e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições”.

Ainda conforme Freud (1930/2006),

O maior desafio das lutas da humanidade centraliza-se em torno da tarefa de encontrar uma acomodação conveniente entre as reivindicações culturais do grupo e as do sujeito, e um dos problemas que incide sobre o destino da humanidade é o de saber se tal acomodação pode ser alcançada por meio de alguma forma específica de civilização (p. 102).

O uso da força bélica parece interrogar o projeto da civilização que acompanha a humanidade como se fosse sua própria sombra, a ponto de a história da humanidade ser contada a partir de suas próprias guerras. O pressuposto freudiano para o advento da guerra ganharia abrigo em arbítrios repressores, paradoxalmente necessários para a vida em sociedade, fundados no uso da força, da violência e no exercício do poder.

⁹ Freud (1921/1996, p. 56).

¹⁰ Clausewitz (2010).

Freud desenvolve uma reflexão profunda sobre a debilidade da civilização ante as determinações agressivas existentes nos homens. As guerras são sempre postas em movimento em nome de ideais; elas consentem e autorizam o uso da legitimidade da violência inerente ao ser humano. Com a eclosão das guerras, explode o núcleo cultural composto pelas pulsões de destruição, legitimando o livre curso ao que a civilização considera o mal. Entre todas as distintas causas que configuram o mal-estar, para Freud, a maldade intrínseca à condição humana é, definitivamente, o maior obstáculo para a civilização:

Os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos se deve levar em conta uma poderosa cota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para ele, não apenas um ajudante em potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. Homo homini lupus (Freud, 1930/2006, p. 116).

Em última instância, Freud não apresentava uma posição plácida e sua crença nas faculdades pacificadoras da vida harmoniosa em sociedade não pareciam tão seguras. Ele aparentava ter sérias dúvidas sobre se a pulsão de morte poderia ser plenamente educável. Sabemos que, para Freud, a pulsão de morte é um conceito metapsicológico, uma aposta conceitual que teria a função de pressionar a teoria psicanalítica na busca de novos territórios epistemológicos. Num dos derradeiros textos de Freud, publicado postumamente, o Esboço de psicanálise (1938), chama nossa atenção o fato de compreender, naquela altura, que a ação conjunta e oposta das pulsões está bastante estabelecida:

Depois de muito hesitar e vacilar, decidimos presumir a existência de apenas duas pulsões básicas, Eros e a pulsão destrutiva O objetivo da primeira dessas pulsões básicas é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las – em resumo, unir; o objetivo da segunda, pelo contrário, é desfazer conexões e, assim, destruir coisas. No caso da pulsão destrutiva, podemos supor que seu objetivo final é levar o que é vivo a um estado inorgânico. Por essa razão, chamamo-la também de pulsão de morte (Freud, 1938/1996, p. 173).

Importante notar que a pulsão de morte irá apenas ganhar estatuto definitivo de independência em relação à sexualidade em 1930, na obra intitulada “O mal-estar na civilização” (Das Unbehagen in der Zivilisation), momento em que surgirá como destrutividade autônoma. Isto é, uma modalidade de agressão não erótica, uma modalidade de destruição sem vínculos com a sexualidade.

Suspeitamos que a preocupação de Freud era exatamente desabilitar o lugar de ruptura que a teoria da libido ofereceu à psicanálise, desfecho da ideia de autonomia da pulsão de morte. Assim, o traço subversivo filiado à sexualidade, que foi uma imensa revolução criada pela psicanálise por via da ideia de sexualidade infantil, não mais associada à especificidade dos órgãos genitais, resta presente na totalidade do corpo – este configurado em corpo erógeno.

Naquela quadra histórica, tratava-se de uma nova ruptura, pois se tornou imperativo separar a potência da fratura da sexualidade que transpassa o corpo erógeno, postulando uma convivência com as pulsões de morte. Estas, além de ter uma configuração própria

fundamentada num desconhecido e silencioso suporte pulsional, não obedecem à lógica do princípio de prazer (Lustprinzip) e são forças energéticas anônimas.

Na verdade, seguindo as reflexões de Freud (2010/1920) em *Além do princípio do prazer*, já podemos perceber sinais de que a pulsão de morte apresenta certos traços de autonomia em relação à libido – uma ideia que o incomodava, já que aceitar um impulso destrutivo que não viesse das pulsões sexuais era algo difícil. Não à toa, dez anos depois, em “O mal-estar na civilização” (*Das Unbehagen in der Zivilisation*, 1930), Freud reforça essa tese.

O paradoxo posto é que a guerra tem origem na civilização, mas, por outro lado, ela promove a dissolução do que seria a pacificação que se espera da própria civilização. Ela é uma manifestação da compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*), repetição que nos interroga: ora, a civilização contra a civilização? A barbárie ocasionada pelas guerras retorna e destrói o que fora construído à custa da renúncia das pulsões destrutivas e, a saber, à custa da pulsão de morte (*Todestrieb*). Ou seja, como é possível argumentar a partir de Einstein e Freud (1933/1979), a guerra ganha contornos correlacionais como expressão da pulsão de destruição.

Essa ideia de autonomia traz uma mudança radical: pensar a agressividade além da sexualidade. Podemos ver isso no par sadismo-masiquismo, que representa duas faces da mesma pulsão. O que está em discussão aqui não é a sexualidade guiada pelo princípio do prazer (que usa a agressividade como ferramenta), mas sim uma tendência à agressão que existe no ser humano por si só – uma inclinação independente, que não precisa mais estar ligada ao desejo sexual.

Freud, até o fim de seu itinerário intelectual, sublinha que a ação das pulsões sobre os objetos pode ser de ligação e de destruição; a ação de uma não necessariamente reduz a outra. É como se houvesse um duplo investimento objetal, tanto de ação descarregadora da pulsão de destruição, cuja finalidade é dissolver os vínculos e destruir os objetos na sua exterioridade, quanto de vínculo da libido, que busca criar unidades cada vez mais amplas e mantê-las conservadas. Na contramão da pulsão de vida, a pulsão de morte se movimenta como uma força que destrói as relações, sendo, portanto, uma força de desligamento.

É fundamentado na tese freudiana que Lacan, em seu Seminário 7, dedica um capítulo ao tema da pulsão de morte, ressaltando que esse conceito deve ser compreendido como “vontade de destruição direta”, tratando-se, pois, de um princípio de disjunção, por se prestar a desfazer os vínculos conservados pela pulsão sexual. É justamente a pulsão de morte que responde pela construção das distinções.

Conforme Lacan (1960/1997), “. . . é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado como pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa tudo o que existe” (p. 260).

O século XX escancarou a fragilidade da crença na ciência e da fé no progresso dos iluministas. A atualidade das reflexões freudianas sobre a guerra ainda pode ser observada com frequência no mundo hodierno. O século XX foi palco de experiências políticas abomináveis. Mais do que isso, poderíamos dizer que esse século foi funesto, catastrófico, vergonhoso e humilhante, e o pouco que temos de século XXI não é menos estarrecedor.

A escalada, a ampliação e o fortalecimento de movimentos de extrema direita são fatos em comum entre o nosso tempo e o tempo em que houve a interlocução entre Einstein

e Freud, que resultou no texto *Por que a Guerra? (Warum Krieg?)*. Cabe-nos recordar que, depois da Primeira Guerra Mundial, muitos pensadores acreditavam que era possível terminar com toda e qualquer possibilidade de guerra; daí em diante, o século XX não presenciou apenas a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), mas muitas outras, ainda que com um nível menor de amplitude. E por ora, o século XXI não parece mostrar um direcionamento distinto.

Posto isso, como definir as guerras? Seriam elas manifestações de um ato bárbaro e primitivo? Um retorno ao momento primordial, um (re)encontro do homem moderno com o seu eu primitivo (in)civilizado? Depois da Segunda Guerra Mundial, muitos intelectuais e pensadores insistiram em anunciar um homem novo que surgiria dos escombros, visto que aprendera com o que havia experienciado e sofrido e estaria, assim, instruído para a renovação e capacitado na aposta pela paz.

Freud, muitas vezes, tratou as esperanças de modo cético; o tempo e as guerras subsequentes provaram que ele havia acertado. Quase um século depois da Segunda Guerra Mundial é notório: não há homem novo. O que existe a todo vapor é a compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*) e, com ela, a silenciosa pulsão de morte (*Todestrieb*).

Referências

- Birman, J. (2010). Crueldade e psicanálise: uma leitura de Derrida sobre o saber sem álibi. *Natureza Humana*, 12(1), 55-84.
- Birman, J. (2017). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2006). *Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Clausewitz, C. V. (2010). *Da guerra*. São Paulo: Martins Fontes.
- Derrida, J. (2000). *États d'âme de la psychanalyse. L'impossible au-delà d'une souveraine cruauté*. Paris: Galilée.
- Dostoiévski, F. M. (2009). *Notas do subsolo* (M. A. B. P. Soares, Trad.). Porto Alegre: L&PM. (Obra original publicada em 1864)
- Einstein, A. & Freud, S. (1979). *Why war*. In Freud, S. *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 197-215.). Londres: Hogarth Press. (Obra original publicada em 1933)
- Freud, S. (1976). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905)
- Freud, S. (1987). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp.213-226). Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1911)
- Freud, S. (1989). *Introdução à psicanálise e às neuroses de guerra* (2ª ed. Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1919)
- Freud, S. (1996). *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XI, pp. 217-227). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1910)

- Freud, S. (1996). Esboço de psicanálise. In Freud, S. Moisés e o monoteísmo três ensaios: edição standard brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 23, pp. 151-222). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1938)
- Freud, S. (1996). O ego e o id. In Freud, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923)
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 18, pp.1-46, J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1921)
- Freud, S. (2005). Por que a guerra?. In Freud, S. Obras standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Vol. XXII, pp. 241-259). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1933)
- Freud, S. (2006). O mal-estar na civilização. In Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXI, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930)
- Freud, S. (2006). Totem e tabu. In Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIII, pp. 11-62). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913)
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In Freud, S. Obras completas (Vol. 14, pp. 161-239, P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1920)
- Freud, S. (2017). As pulsões e seus destinos. In Freud, S. Obras incompletas de Sigmund Freud (Vol. XX, pp. 13-69) Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1915)
- Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vols. IV–V, pp. 13–642). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900)
- Freud, S. (1996). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXII, pp. 63–154). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1932–1936).
- Garcia-Roza, L. A. (2009). Freud e o inconsciente (24ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1936)
- Hobbes, T. (2004). Leviatã. In Weffort, F. C. Os clássicos da política: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, “o federalista” (13ª ed., Vol. 1, pp. 51-77). São Paulo: Ática.
- Lacan, J. (1997). O seminário, livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1960)
- Laplanche, J. & Pontalis, J-B. (2001). Vocabulário da psicanálise: Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1967. Título original: Vocabulaire de la psychanalyse)
- Mezan, R. (1982). Freud: a trama dos conceitos. São Paulo: Perspectiva.
- Rousseau, J. J. (1999). O contrato social. São Paulo: Martins Fontes.

Correlations between the death drive and war in light of the transition to Freud's second topography

Abstract

The general scope of our article is to provide an exposition that navigates through the notions of drive (Trieb), death drive (Todestrieb), and war (Krieg). Our starting point will be Freud's work and his correspondence with Albert Einstein. We propose a historical-conceptual and theoretical excursus on the category of the drive, examining it in light of the transition to Freud's second topography in order to analyze the emergence of the death drive concept and its explanatory power in understanding the historical persistence of large-scale armed conflicts. Our objective is to demonstrate how Freudian metapsychological concepts can provide critical tools for reflecting on war beyond sociopolitical determinisms, thereby underscoring the psychic dimension of human aggressiveness.

Keywords: Drive, Death drive, War, Second topography, Civilization.

Corrélations entre la pulsion de mort et la guerre à la lumière de la transition vers la seconde topique freudienne

Résumé

L'objectif général de notre article est de proposer une exposition qui circule entre les notions de pulsion (Trieb), pulsion de mort (Todestrieb) et guerre (Krieg). Nous prendrons comme point de départ l'œuvre de Freud et sa correspondance avec Albert Einstein. Nous proposons une excursion historico-conceptuelle et théorique sur la catégorie de la pulsion, en la mobilisant à la lumière du passage vers la seconde topique freudienne, afin d'analyser l'émergence du concept de pulsion de mort et sa puissance explicative pour comprendre la persistance historique des grands conflits armés. Notre objectif est de démontrer comment les concepts métapsychologiques freudiens peuvent fournir des outils critiques pour réfléchir à la guerre au-delà des déterminismes sociopolitiques, soulignant ainsi la dimension psychique de l'agressivité humaine.

Mots-clés: Pulsion, Pulsion de mort, Guerre, Seconde topique, Civilisation.

Zusammenhänge zwischen todestrieb und krieg im licht des übergangs zur zweiten freud'schen topik

Zusammenfassung

Der allgemeine Rahmen unseres Artikels besteht darin, eine Darstellung zu bieten, die sich mit den Begriffen Trieb, Todestrieb und Krieg auseinandersetzt. Als Ausgangspunkt dienen uns Freuds Werk und sein Briefwechsel mit Albert Einstein. Wir schlagen einen historisch-konzeptuellen und theoretischen Exkurs zur Kategorie des Triebes vor, den wir vor dem Hintergrund des Übergangs zur zweiten Freud'schen Topik betrachten, um die Entstehung des Todestrieb-Konzepts und seine erklärende Kraft zum Verständnis der historischen Persistenz großer kriegerischer Konflikte zu analysieren. Unser Ziel ist es, zu zeigen, wie Freuds metapsychologische Konzepte kritische Instrumente für die Reflexion über den Krieg jenseits soziopolitischer Determinismen bieten können, wodurch die psychische Dimension menschlicher Aggressivität hervorgehoben wird.

Schlüsselwörter: Trieb, Todestrieb, Krieg, Zweites Topik, Zivilisation.

Recebido em: 24/09/2024

Revisado em: 22/07/2025

Aceito em: 27/07/2025